

26ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
Dilemas da (Des)Igualdade na Diversidade
01 a 04/06/2008 - Porto Seguro – BA

MESA REDONDA – Coordenação de Heloísa Pontes

O Ensino da Antropologia em Portugal: textos e contextos

Ricardo Vieira
CIID-IPLeiria

(Centro de Investigação Identidades e Diversidades do Instituto Politécnico de Leiria)

Portugal
rvieira@esel.ipleiria.pt

Resumo

Ao nível da graduação, apresentar-se-á um olhar reflexivo sobre a antropologia leccionada em Lisboa, a partir dos anos 70/80, no ISCSP (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas), essencialmente uma antropologia cultural assente na experiência da formação de quadros técnicos que iam trabalhar para as colónias africanas; FCSH-UNL (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa), uma antropologia essencialmente estruturalista, com base na obra de Claude Lévi-Strauss; ISCTE (Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa), uma antropologia social desenvolvida particularmente a partir da escola anglo-saxónica; e em Coimbra, uma antropologia bio-sócio-cultural desenvolvida na Faculdade de Ciências.

Para além da evolução destas licenciaturas e dos objectos e métodos privilegiados ao longo de duas décadas, analisar-se-á também a inserção da disciplina de antropologia em outros cursos de ciências sociais e na educação, em particular na formação de professores.

Ao nível da formação pós-graduada, apresentar-se-ão algumas ideias sobre a antropologia moderna desenvolvida hoje em torno do estudo da(s) identidade(s) sociais, culturais, pessoais, dos estudos urbanos, do património cultural e da educação inter e multicultural.



O ENSINO DA ANTROPOLOGIA EM PORTUGAL: TEXTOS E CONTEXTOS

**Ricardo Vieira
CIID-IPLeia**

(Centro de Investigação Identidades e Diversidades do Instituto Politécnico de Leiria)

**Portugal
rvieira@esel.ipleiria.pt**

1. Contextos da Emergência do Ensino da Antropologia em Portugal

É nos pós 25 de Abril, após a chamada revolução dos cravos¹, que em Portugal a antropologia, enquanto curso superior, licenciatura (graduação) ganha maior relevo e desenvolvimento. Antes, já existira, enquanto curso para o treinamento de administradores para as colónias portuguesas onde se chegara à conclusão de que o governo dos outros deveria passar não pela violência física mas, essencialmente, pelo conhecimento da organização social e política do “outro”, o indígena de Angola, Moçambique, Guiné, Timor, etc. Era este o grande objectivo dessa escola designada de ISCSPU – Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina onde não só se ensinava antropologia como, também, administração pública e outras matérias.

Depois do 25 de Abril de 1974, e em contexto de descolonização, esta escola veio a deixar o “Ultramarina” e a passar a chamar-se, simplesmente, ISCSP - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – onde ainda hoje se ensina antropologia, sociologia, administração pública, relações internacionais, serviço social, etc.

Depois desta ênfase no político, essencialmente africano, e com a influência dos estudos e de autores anglo-saxónicos, a antropologia enquanto licenciatura seguiu de perto a escola americana e os estudos culturalistas que foi introduzindo nos seus planos de estudo. Nesta escola, todos os cursos tinham, de início, o primeiro e segundo anos de graduação comuns, contendo todos eles cadeiras e matérias de antropologia cultural.

Nos finais da década de 70, uma nova escola de Ciências Sociais emergia em

¹ Excluimos desta breve análise a antropologia que, quer em Coimbra quer no Porto, já existia ligada à biologia humana.

Portugal sob a influência da escola Francesa “Les Annales” trazida para Portugal pelo saudoso Professor Magalhães Godinho que havia trabalhado em Paris com Fernand Braudel e outros autores da História das Mentalidades. Essa nova escola – a FCSH-UNL – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Sob a influência desse pensamento multi e interdisciplinar francês, a primeira licenciatura (graduação), embora tivesse matérias de antropologia, sociologia e história, chamava-se Licenciatura em Ciências Humanas e Sociais. Passados dois ou três anos veio a extinguir-se e a dar origem aos cursos separados de Antropologia, este coordenado pelo Professor Augusto Mesquitela Lima, também ele com experiência e trabalho de campo em África, Sociologia e História.

Esta escola – a FCSH-UL – ao nível da Antropologia, foi fortemente marcada pelo pensamento estruturalista de Claude Lévi-Strauss. A sua obra era praticamente toda analisada nas diferentes cadeiras.

No início dos anos 80 surgia, também em Lisboa, a 3.^a escola a graduar antropólogos: o ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa que nascera como uma Escola de Gestão, onde a Sociologia emergiu primeiro como “Ciências do Trabalho” e logo a seguir a antropologia se desenvolveu como Antropologia Social. Esta, ao contrário da da FCSH-UNL, foi fortemente marcada pela Antropologia Britânica de Cambridge e Oxford, com forte orientação teórica do Professor Raul Iturra e seus Mestres Jack Goody e Meyer Fortes, entre outros.

No Início da década de 90, em Coimbra, nascia a 4.^a licenciatura em Antropologia de Portugal. A herança dos estudos biológicos marcou até ao momento esta graduação como um híbrido de matérias da biologia e da antropologia cultural e social. De tal modo é assim que a graduação está inserida na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra e não na Faculdade de Letras e funciona, justamente, junto do Museu de Antropologia.

Não pretendo fazer deste texto uma história da antropologia em Portugal², mas, tão só, apontar algumas das linhas orientadoras do seu desenvolvimento como disciplina autónoma dentro das Ciências Sociais e Humanas, desenvolveria, de seguida,

² Até porque muitos outros o fizeram já de forma muito mais organizada. Recomenda-se a obra de Pina Cabral, Contextos da Antropologia, Lisboa: Difel.

algumas ideias da aplicabilidade destas graduações e do saber antropológico não só noutras licenciaturas, que não de antropologia, e também no ensino secundário.

Em particular, gostava de deixar um apontamento mais alongado sobre o desenvolvimento da antropologia da educação, seja com este nome específico, seja com o nome de Antropologia Social e/ou Cultural ao serviço da Educação e do Ensino.

2. A Antropologia ensinada noutras graduações

A antropologia parece estar um pouco na moda em Portugal nas década de 80/90 e entra como disciplina obrigatória ou optativa em graduações como Geografia, História, Arquitectura, Serviço Social, Relações Internacionais, Psicologia, Ciências Políticas, Turismo, Medicina, Enfermagem, Psiquiatria e na Formação de Professores e Educadores.

Também no Ensino Secundário ganha espaço no plano de estudos da variante de Jornalismo e Turismo e é leccionada inicialmente por geógrafos, por filósofos e historiadores, por falta de graduados suficientes em Antropologia, no início da década de 80. Actualmente não existe mais n ensino secundário.

Os Cursos do Magistério Primário, que preparavam profissionais para serem professores do ensino primário e para serem educadores de infância, passaram a integrar uma disciplina de Antropologia Cultural como forma de relativizar o pensamento dos futuros Educadores e Professores e para darem ferramentas teóricas para construir pontes inter/multiculturais entre o mundo cultural rural tão marcado na época em Portugal e a cultura legítima do Estado. A “Bíblia” antropológica dos Magistérios, usada por professores que naquela época raramente eram antropólogos, era a tradução brasileira, em 3 tomos, da obra de Merville Herskovits (Man and His Works).

Extintas as escolas do Magistério Primário, que concediam apenas diplomas de cursos médios, nasceram as actuais ESEs – Escolas Superiores de Educação - por volta de 1985, que passaram a integrar em todos os cursos de formação de professores, Antropologia Cultural, numas, precedida de Introdução às Ciências Sociais, e sócio-antropologia noutras, dependendo do quadro de formadores e correntes científico-pedagógicas vigentes.

O corpo docente das emergentes Escolas Superiores de Educação foi alimentado, basicamente por todo o país, por professores que haviam feito os seus mestrados em Ciências da Educação, financiados por um projecto do Banco de Portugal, ora no Estados Unidos da América, na Universidade de Boston, ora em França, na Universidade de Bordéus. Os que fizeram as suas especializações em Análise Social da Educação ou em Metodologia dos Estudos Sociais são, provavelmente, os docentes que estão na origem das disciplinas de Análise Social da Educação, Sociologia da Educação e Antropologia da Educação dos currículos de formação das ESEs. Nalgumas escolas surgiu mesmo a disciplina de Sócio-Antropologia, como é o caso de Castelo Branco, leccionada por Luís Costa. Na ESE de Setúbal foi criada a disciplina de Antropologia da Educação, que funcionou pela primeira vez no ano lectivo de 1988/89, e cuja coordenação tem sido assegurada por Luís Souta, também ele Mestre em Ciências da Educação³ pela Universidade de Bóston. Na ESE de Leiria surgiu a Antropologia da Educação como disciplina optativa dos cursos de Formação de Professores para o 1º Ciclo e de Educadores de Infância, em 1992, sob proposta de Ricardo Vieira⁴.

Outras Escolas Superiores de Educação e Universidades públicas e privadas, embora não tendo especificamente Antropologia da Educação nos seus currículos, acabam por ter algumas disciplinas viradas para a questão da educação e diversidade cultural que, inevitavelmente, não podem/devem perder a experiência da Antropologia nessas matérias⁵.

3. A Antropologia da Educação em Portugal

³ Luís Souta, Professor Coordenador da ESE de Setúbal, é, no entanto, licenciado em Antropologia e, actualmente, está a concluir o seu doutoramento em Antropologia da Educação no ISCTE.

⁴ Ricardo Vieira, sem qualquer grau em Ciências da Educação, desde muito cedo que orientou a Antropologia (licenciatura) para a questão da educação e da diversidade cultural e para a legitimação da Antropologia da Educação (tese de mestrado e de doutoramento) sob a orientação do Doutor Raul Iturra, Professor Catedrático do ISCTE.

⁵ Ver a este propósito a obra “Nos Bastidores da Formação: Contributo para o Conhecimento da Situação Actual da Formação de Adultos para a Diversidade em Portugal”, de Carlinda Leite, Rosa Madeira, Rosa Nunes e Rui Trindade, coordenada por Luíza Cortesão (Cortesão, 2000). O trabalho de Carlos Cardoso, professor da Escola Superior de Educação de Lisboa, é notável sobre a questão da escola e das propostas inter/multiculturais.

No início dos anos 80, a Licenciatura em Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa tinha uma cadeira optativa de Antropologia da Educação⁶ leccionada pelo professor Viegas Tavares, que acumulava a docência com a de quadro superior no Ministério da Educação.

Num artigo de 1985, Manuel José Alves Viegas Tavares resumia assim a Antropologia da Educação: “A *Antropologia da Educação analisa as relações escola/comunidade e as suas implicações no processo de enculturação dos jovens. Aplicando os métodos de pesquisa e análise de ciências afins, mas centrando-se sempre no método etnográfico de observação participante na análise dos processos educacionais, visa contribuir para a solução de problemas da prática e da política educativa*” (Tavares, 1985: 53). Viegas Tavares veio a fazer o seu doutoramento sobre o insucesso escolar e as minorias étnicas em Portugal⁷.

Paralelamente, Jorge Crespo desenvolvia também uma cadeira optativa de Antropologia do Jogo. De resto, como ele próprio diz, “*Nas sociedades tradicionais, os jogos integravam-se no complexo de cerimónias cíclicas através das quais as crianças e os jovens se apropriavam da cultura das suas comunidades. Em particular, nos ciclos do Inverno e da Primavera, destacam-se os jogos que constituíam experiências fundamentais da morte e da vida, no processo cíclico de reestruturação do mundo. Nestes casos, o jogo é um dos elementos mais importante na formação das personalidades, no domínio das relações com os outros, espaço e tempo da liberdade favorável à inovação e transformação da realidade*” (Crespo, 1999: 7).

Terminada a minha licenciatura, e depois de 2 anos a ensinar Geografia e Antropologia no Ensino Secundário⁸, vim a ingressar na Escola Superior de Educação de

⁶ No ano lectivo de 1983/84 eu próprio fui seu aluno e desenvolvi para avaliação final um pequeno trabalho de pesquisa etnográfica numa escola de Lisboa com o financiamento do Ministério da Educação (cf. currículo vitae que integra estas provas de agregação).

⁷ TAVARES, Manuel Viegas (1998). O insucesso escolar e as minorias étnicas em Portugal: uma abordagem antropológica da educação, Lisboa: Piaget.

⁸ Na área de Estudos Humanísticos, ramo de Jornalismo e Turismo, o Ensino Secundário os alunos tinham, obrigatoriamente, de cursar Antropologia. O programa e o manual mais divulgado era, na altura, da autoria de Augusto Mesquitela Lima, Benito Martinez e João Lopes Filho. Os professores de Antropologia Cultural, do 10º ano, não tinham habilitação própria nem formação específica em Antropologia, “*tendo sido na sua generalidade, os professores de Geografia, encarregues de a leccionar – o que nem sempre fazem com gosto, mas apenas por necessidade de complemento de horário, pois o número de aulas de Antropologia não chega para formar um horário lectivo normal de 22 horas*” (Souta, 1982: 52).

Leiria⁹ que tinha iniciado a sua função docente há apenas um ano. Todos os cursos de então¹⁰, incluíam nos seus *curricula* a disciplina de Introdução às Ciências Sociais, no 1º semestre, sendo que os cursos de Educadores de Infância e Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico tinham, depois, no 1º semestre do 2º ano, Antropologia Cultural. Fui convidado a construir o programa de Antropologia Cultural e fi-lo, em 1987, com uma 2ª parte que, depois das noções operatórias básicas da Antropologia Geral e das Ciências Sociais, apontava para o estudo do processo educativo embora, na altura, não tivesse formação suficiente para ir além do Culturismo Americano e da escola de cultura e personalidade. Os livros obrigatórios de então, lembro-me, era o célebre “Padrões de Cultura” de Ruth Benedict e “os conflitos e Gerações” de Margaret Mead.

É inegavelmente, a Raul Iturra que se deve o *boom* do desenvolvimento da Antropologia da Educação em Portugal. Em 1987 Raul Iturra dava o grande pontapé de saída com o trabalho de campo com observação participante, iniciado em VilaRuiva, com Filipe Reis, Pulo Raposo, Nuno Porto e Berta Nunes. Aproveitavam o tempo livre que a escola concedia às crianças para fazerem actividades com elas a fim de compreender as suas representações sociais e conhecimento local. Assim, brincavam à família, ao hospital, à doença, etc.. Compravam cadernos, papel e lápis e faziam com as crianças os trabalhos de casa. Iturra, através da metodologia das genealogias, levava os alunos a pensar a sua história, o património dos pais, terras, os animais etc¹¹. (cf. Iturra e Reis, 1990 e Iturra, 2000). Dessa investigação foram publicados, na colecção *A Aprendizagem Para Além da Escola*, os seguintes livros: *Fugirás à Escola Para Trabalhar a Terra: Ensaio de Antropologia Social Sobre o Insucesso Escolar* de Raul Iturra (1990a); *A Construção Social do Insucesso Escolar: Memória e Aprendizagem em Vila Ruiva* de Raul Iturra (1990b); *O Corpo, a Razão, o Coração: A Construção Social da Sexualidade em Vila Ruiva* de Nuno Porto (Porto; 1991); *Corpos, Arados e Romarias: Entre a Fé e a*

“Entretanto, a disciplina de Antropologia Cultural desapareceu com a nova reforma curricular, tendo deixado de ser leccionada em 1993/94”(Santos e Seixas, 1997: 116).

⁹ No ano lectivo de 1987/88

¹⁰ poucos na altura: Formação de Professores para o 1º Ciclo, Educadores de Infância, Professores do 2º Ciclo do Ensino Básico, variante de Português/Francês.

¹¹ Ver entrevista dada por Raul Iturra em 1999 a Ana Levy Aires, Ana Felisbela Lavado e Paula Godinho para a revista Arquivos da Memória do Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa da Universidade Nova de Lisboa, n.º 6/7.

Razão em Vila Ruiva de Paulo Raposo (Raposo, 1991); *Educação, Ensino e Crescimento: O Jogo Infantil e a Aprendizagem do Cálculo Económico em Vila Ruiva* de Filipe Reis (Reis, 1991); *O Saber Médico do Povo* de Berta Nunes (Nunes, 1997).

Vieram a juntar-se a estas publicações a *Escola e Aprendizagem para o Trabalho num País da (Semi)periferia Europeia* de Stephen Stoer e Helena Araújo (Stoer e Araújo, 1992); e *Entre a Escola e o Lar: O Curriculum e os Saberes da Infância* de Ricardo Vieira (Vieira, 1992).

4. Investigação e Ensino da Antropologia da Educação no ISCTE, Lisboa

“Este objectivo de entender a racionalidade reprodutiva tem-me levado da Antropologia Económica à Antropologia da Educação, passando, pelo meio, por criar, em conjunto com uma equipa que angariei enquanto colaborava na fundação do departamento do ISCTE, uma Antropologia Urbana, uma Antropologia do Turismo, Antropologia da Sexualidade, Antropologia do Género.

[...] Eu queria entender a racionalidade daquelas estratégias reprodutivas. Isso levou-me, por insistência de Paulo Raposo, que fez comigo trabalho de campo, ou o Filipe Reis, ou o Nuno Porto, a meter-me por uma ideia feliz daquela equipa: como é a epistemologia do lar, a epistemologia dos seres humanos, através do que é que pensam e como pensam as crianças acerca do que acontece na sua casa. Então, inventámos os ATL, os tempos livres, e, a partir das brincadeiras e jogos passámos a analisar, começámos a brincar com as crianças. As crianças vêem o mundo através dos olhos dos adultos, porque a criança não tem ainda conceitos, trata mal os conceitos. [...] As crianças entendem o mundo da forma que os pais o entendem, tanto assim que os inimigos dos pais, as crianças não entendem porquê mas são também seus inimigos”¹².

“A criança não é o domínio de ninguém, é do domínio dela própria. A cultura está dividida em duas partes: a dos adultos e a da infância, só que ninguém dá por isso”¹³

A Antropologia da Educação, em termos de investigação, emergiu no ISCTE, como disse, pela mão de Raul Iturra que assim foi progredindo da Antropologia

¹² Extracto de entrevista dada por Raul Iturra em 1999 a Ana Levy Aires, Ana Felisbela Lavado e Paula Godinho para a revista Arquivos da Memória do Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa da Universidade Nova de Lisboa, n.º 6/7, p. 129.

¹³ Entrevista dada por Raul Iturra aos cadernos de Educação de Infância, n.º 62, Abril/Maio/Junho de 2002, p. 4.

Económica para o estudo da aprendizagem e transmissão cultural para além da escola e para o estudo da mente cultural e da epistemologia da criança (Iturra, *passim*).

A leccionação em cadeira autónoma viria a acontecer no ISTE, pela primeira vez, no ano lectivo de 1994/95, mas foi precedida de muita investigação financiada pelo INIC e pela FCT e de muito debate no país e no estrangeiro.

A propósito da primeira obra da colecção *A Aprendizagem Para Além da Escola*, Pedro Silva, numa recensão bibliográfica da obra atrás citada de Stoer e Araújo (Stoer e Araújo, 1992), incluída na mesma, diz que “*o primeiro livro (Iturra, 1990a), um conjunto de ensaios, corresponde ao espraiar do pensamento teórico do autor na perspectiva da afirmação de uma Antropologia da Educação. Trata-se de um pensamento radical, elaborado numa linguagem não hermética, que se debruça sobre a complexa relação entre o «saber letrado» (da escola) e a «mente cultural» (rural)*” (Silva, 1994: 186).

Já antes, no trabalho de campo em VilaTuxe, em 1970 e em 1974, Raul Iturra reconhece¹⁴ que, ao estudar o grupo doméstico, se começou a interessar como se aprendia a calcular na rua, no jogo, na economia doméstica etc.. As suas filhas começaram a ir à escola em VilaTuxe onde falavam galego. Em casa as línguas eram o Castelhana e o Inglês. E toda esta diversidade levava Iturra a pensar nas descontinuidades entre a casa e a escola. Embora a pesquisa aí realizada fosse centrada na vida económica, a ideia da aprendizagem para além da escola foi emergindo e viria a despertar o seu interesse pela Antropologia da Educação. Percebeu que as crianças eram educadas pela interacção dentro do grupo onde vivem (cf. Iturra, 1997 e 2001).

A partir dos finais da década de 80, início de 90, Raul Iturra e a sua equipa de investigação iniciaram um conjunto de seminários fechados sobre Antropologia da Educação, à volta de temas como o insucesso escolar, a transgressão e a aprendizagem, a etnopsicanálise, o jogo e a aprendizagem, a oralidade e a escrita na aprendizagem, etc., em Portugal (Lisboa, Porto, Albergaria dos Doze, Alfândega da Fé, etc.) e em França (*Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* e no *Collège de France*) com a participação de Maurice Godelier, Marie Elizabeth Handman, Françoise Zonabend, Pierre Bourdieu, Monique de Saint Martin, François Bonvin e Bernard Lahire.

¹⁴ Dados apurados em entrevista com Raul Iturra, em 23 de Julho de 2004.

Na recensão da obra *O Saber das Crianças* (Iturra, 1996), Luís Souta, professor de Antropologia da Educação na Escola Superior de Educação de Setúbal¹⁵, considera os cinco autores dos textos que compõem este livro (Raul Iturra, Amélia Frazão Moreira, Filipe Reis, Paulo Raposo, Ricardo Vieira) como uma equipa pioneira que lançou em Portugal a Antropologia da Educação. Comparando-a com os trabalhos de Antropologia da Educação americana que se tem preocupado com o sistema formal, diz que *O Saber das Crianças* «trilha outros caminhos, não em torno de “problemas” mas na procura das virtualidades e potencialidades das crianças para aprenderem e entenderem o real. A sua pesquisa faz-se por isso a montante do sistema educativo, procurando compreender os mecanismos da aprendizagem informal, num processo que conduz naturalmente ao reconhecimento e valorização desses saberes.» (Souta, 1997a: 353).

As pesquisas de Telmo Caria sobre culturas de escola e culturas profissionais, bem como sobre o método etnográfico (Caria, 1994, 2000, 2003), e a de Amélia Frazão Moreira sobre as classificações das crianças apreendidas do mundo adulto (Frazão-Moreira, 1994 e sobre etnobotânica (Frazão-Moreira, 2003), ambas orientadas por Raul Iturra e conducentes aos seus doutoramentos já terminados, engrossam a latitude da Antropologia da Educação que este tem feito desenvolver em Portugal.

Assumindo essa consciência e essa responsabilidade, Raul Iturra diz na Introdução ao livro *O Saber das Crianças*:

“Uma parte do grupo que comigo trabalha decidiu escrever sobre o saber das crianças. Sob a minha orientação, ao longo do tempo; e hoje sob a minha coordenação, queríamos definir processos e actividades que permitam ao leitor entender o dito saber. Começo por abordar uma forma particular de interacção entre ascendente e descendente: aquela através da qual um grupo social contextualiza ou quer contextualizar, a emotividade do mais novo para assegurar a reprodução, isto é, a continuidade histórica das pessoas sobre a terra [...].

Amélia Frazão-Moreira [...] analisa o processo de interacção que no interior de um grupo doméstico, (de uma aldeia de Trás-os-Montes), transmite saberes e contra saberes

¹⁵ Luís Souta tem dado um contributo notável ao desenvolvimento da educação multicultural e da antropologia da educação em Portugal (1991, 1992, 1993, 1997a e 1997b).

através das tarefas que constituem o trabalho doméstico (nutrição, arranjo doméstico, nas conversas sobre os amores e a afectividade, etc.). [...]

Filipe Reis [...] analisa a forma como a escola introduz as crianças na cultura escrita, a partir de uma experiência de terreno, numa aldeia da serra da Estrela. [...]

Paulo Raposo [...] regressou comigo à Beira Alta e observou os comportamentos rituais dos pequenos, colectando dados a partir dos quais foi capaz de concluir que o real é representado e manipulado pela pequenada que estamos a estudar aí.

Ricardo Vieira [...] procura explicar como o adulto de hoje é resultado do jovem e da criança que antigamente foi; esta análise é feita por meio de entrevistas e análises de histórias de vida de professores do ensino Básico” (Iturra, 1996:10 e 11).

A disciplina de Antropologia da Educação tem-se mantido como optativa para as licenciaturas de Antropologia Social, Sociologia e Psicologia Social, e tem sido coordenada por Raul Iturra e leccionada por este, por Filipe Reis e por Paulo Raposo, ora em colaboração conjunta, ora separadamente em termos de docência. De ano para ano, há algumas alterações pontuais em termos da ordem e da natureza das temáticas abordadas mas, grosso modo, todos os programas abrangem o processo educativo na escola e fora da escola.

Para além da disciplina que integra como optativa os currículos das licenciaturas do ISCTE já mencionadas, é de assinalar, como corolário de uma vasta investigação e prática de ensino no ISCTE, a criação do primeiro mestrado em Portugal de Antropologia da Educação (2003-2005), coordenado por Raul Iturra, e com a colaboração de docentes internos (Paulo Raposo e Miguel Vale de Almeida do Departamento de Antropologia Social do ISCTE) e externos (Amélia Frazão-Moreira da Universidade Nova de Lisboa, Darlinda Moreira da Universidade Aberta, Luís Souta da ESE de Setúbal, Telmo Caria da UTAD, Ricardo Vieira da ESE de Leiria e José Catarino da ESE de Setúbal).

Referências bibliográficas

CARIA, Telmo (1994a). "A reforma escolar da avaliação dos alunos do ensino básico analisada no contexto da(s) cultura(s) do professor(es), in *Educação, Sociedade e Culturas*, 1.

- CARIA, Telmo (2000). *A Cultura Profissional dos Professores. O uso do conhecimento em contexto de trabalho na conjuntura da reforma educativa dos anos 90*, Lisboa: Gulbenkian.
- CARIA, Telmo (2003) (Org.) *Metodologias Etnográficas em Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.
- CARIA, Telmo (2003). “A Construção Etnográfica do Conhecimento em Ciências Sociais: Reflexividade e Fronteiras” in CARIA, Telmo (2003) (Org.) *Metodologias Etnográficas em Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.
- CRESPO, J. (1999). “Os Jogos da morte e da vida. A aprendizagem do Mundo” in *Arquivos da Memória, Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa*, Lisboa: Edições Colibri, pp. 93-117.
- ERNY, P. (1972). *L'Enfant et son milieu en Afrique Noire. Essai sur l' éducation traditionnelle*, Paris: Payot.
- ERNY, P. (1981a). “La famille et l' école”, in *Les amis des Lèvres*, nº 4.
- FORTES, M. (1938). *Social and Psychological Aspects of Education in Taleland. Supplement to Africa, 1914*. Reeditado em J. Middleton (ed.), *From Child to Adult: Studies in the Anthropology of Education*. Garden City, NY, Natural History Press, 1970.
- FRAZÃO-MOREIRA, Amélia (1994). “Entre favas e ovelhas: categorias do mundo do adulto apreendidas pelas crianças numa aldeia do Alto Douro”, in *Educação, Sociedade e Culturas*, Porto: Afrontamento.
- FRAZÃO-MOREIRA, Amélia (2003). “Aprender Etnobotânica em Terras de África: Trabalho e Campo entre os Nalu da Guiné-Bissau” in CARIA, Telmo (2003) (Org.) *Metodologias Etnográficas em Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.
- GOODY, J. (Org) (1968). *Literacy in traditional societies*, Cambridge: University Press.
- GOODY, J. (1977). “Mémoire et apprentissage dans les sociétés avec et sans écriture: la transmission du Bagré”, in *l' Homme*, XVII
- GOODY, J. (1985). *A Lógica da Escrita na Organização da Sociedade*, Lisboa: Edições 70.
- GOODY, J. (1988). *A Domesticação do Pensamento Selvagem*, Lisboa: Edições 70.
- HERSKOVITS, M. J. (1943). “Education and cultural dynamics”, in *American Journal of Sociology*, N.Y.
- HERSKOVITS, M. J. (1954). “Some Problems in Ethnography”, in SPENCER, R. F. (Ed.) *Method and Perspective in Anthropology*, Minneapolis: University of Minnesota Press.
- ITURRA, Raul e REIS, Filipe (1990). *O Jogo Infantil Numa Aldeia Portuguesa*, Guarda: Associação de Jogos Tradicionais.
- ITURRA, Raul (1990a). *Fugirás à Escola para Trabalhar a Terra Terra: Ensaios de Antropologia Social sobre o Insucesso Escolar*, Lisboa: Escher.
-

- ITURRA, Raul (1990b). *A Construção do Insucesso Escolar*, Lisboa: Escher.
- ITURRA, Raul (1996). "Perfil e Funções que podem ser desempenhadas pelo Antropólogo(a) no quadro dos «Territórios Educativos de Intervenção Prioritária», *Boletim APA*, nº 10, pp. 7-8.
- ITURRA, Raul (1996a). (Org.) *O Saber das Crianças*, Setúbal: ICE.
- ITURRA, Raul (1997). *O Imaginário das Crianças: Os Silêncios da Cultura Oral*, Lisboa: Fim de Século.
- ITURRA, Raul (2000). *O Saber Sexual das Crianças. Desejo-te Porque te Amo*, Porto: Afrontamento.
- ITURRA, Raul (2001). *O Caos da Criança: Ensaio de Antropologia da Educação*, Lisboa: Livros Horizonte.
- MEAD, Margaret (1970). *O Conflito de Gerações*, Lisboa: Pub. Dom Quixote
- NUNES, Berta (1997). *O Saber Médico do Povo*, Lisboa: Fim de Século.
- OGBU, J. (1993) "Etnografia Escolar: una Aproximación a nível múltiple" in MAILLO, Honorio M. Velasco; CASTAÑO, F. Javier García; RADA, Angel Díaz de Rada (1993). *Lecturas de Antropologia para Educadores*, Madrid: Ed. Trotta
- PINA CABRAL, João de (2003). "Identities Ineridas: Algumas Divagações sobre Identidade, Emoção e Ética in [wp2-2003[1].pdf], <http://www.ics.ul.pt/publicações/workingpapers/index.htm>.
- PORTO, Nuno (1991). *O corpo, a Razão, o Coração: A Construção Social da Sexualidade em Vila Ruiva*, Lisboa: Escher.
- RAPOSO, Paulo (1991). *Corpos Arados e Romarias*, Lisboa: Escher.
- REIS, Filipe, (1991). *Educação, Ensino e Crescimento*, Lisboa: Pub. Escher.
- SANTOS, Paula Mota e SEIXAS, Paulo Castro (1997). "A Antropologia na Educação: Abertura Antropológica sem Antropólogos", *Antropológicas*, nº 1, pp. 113-127.
- SILVA, Pedro (1994). "Recensão à obra de STOER, S. e ARAÚJO, H. (1991). *Escola e Aprendizagem para o Trabalho*, Lisboa: Escher, in *Educação, Sociedade e Culturas*, Porto: Afrontamento.
- SOUTA, Luís (1982). "O Ensino da Antropologia", *Gerontologia*, vol. 4, nº 14, pp. 54-59.
- SOUTA, Luís (1991). "A educação multicultural" in *Inovação*, nº 2-3.
- SOUTA, Luís (1992). "Educação multicultural - um imperativo dos nossos dias" in *Educação. Ensino*, 4.
- SOUTA, L. e MARQUES, R. (1993). "Escola, família, nota de abertura" in *Educação e Ensino*, ano 5, 7.
-

- SOUTA, Luís (1997a). "Recensão à obra de Iturra, Raul (org). (1996) *O saber das Crianças*, Setúbal: Cadernos ICE, nº 3.
- SOUTA, Luís, (1997b). *Multiculturalidade & Educação*, Porto: Profedições.
- SPINDLER, George (1993) " La transmission de la cultura" in MAILLO, Honorio M. Velasco; CASTAÑO, F. Javier García; RADA, Angel Díaz de Rada (1993). *Lecturas de Antropologia para Educadores*, Madrid: Ed. Trotta.
- SPRADLEY, J. (1979). *The Ethnographic Interview*, New York: Reinehart and Winston.
- STOER, Stephen e ARAUJO, Helena, C. (1992). *Escola e Aprendizagem para o Trabalho*, Lisboa: Pub. Escher.
- STOER, Stephen R. (1994) (dir). *Revista de Educação, Sociedade e Culturas*, 1.
- TAVARES, Manuel J., (1985). "Antropologia da educação", in *Antropologia Portuguesa*, vol.3.
- TAVARES, Manuel Viegas (1998). *O insucesso escolar e as minorias étnicas em Portugal: uma abordagem antropológica da educação*, Lisboa: Piaget.
- VIEIRA, Ricardo (1992). *Entre a Escola e o Lar*, Lisboa: Escher.
- VIEIRA, Ricardo (1995). "Mentalidades, Escola e Pedagogia Intercultural" *Revista de Educação, Sociedade e Culturas*, 4.
- VIEIRA, Ricardo (1996a). "Da Infância à Aduldez: O Reconhecimento da Diversidade e a Aprendizagem da Interculturalidade" in ITURRA, Raul (Org.), *O Saber das Crianças*, Setúbal: ICE.
- VIEIRA, Ricardo (1998a). "Histórias de vida e etnografia na análise das representações e práticas dos professores", in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 38.
- VIEIRA, Ricardo (1999a). *Histórias de Vida e Identidades: Professores e Interculturalidade*, Porto: Afrontamento.
- VIEIRA, Ricardo (1999b). *Ser Igual, ser diferente, Encruzilhadas da Identidade*, Porto: Afrontamento.
- WOODS, Peter (1987). *La Escuela Por Dentro*, Barcelona: Ed. Paidós.
- WOODS, Peter (1990). *L'Ethnographie de l' Ecole*, Paris: Armand Colin.
-